

As Novilhas de Hortênsia

Barros Pinho

Ela nasceu no Olho-d'água do coronel Norbertino Laranjeira. Cresceu entre o engenho e as cores fortes das faveiras na chapada. Também gostava das palmeiras do buriti tão largas se abraçando com a terra. O Zelu, cambiteiro, acompanhou com os olhos como quem brinca de esconde-esconde, o encomprimento do corpo de Hortênsia se apalmeirando no crescimento de mulher.

Todo dia, já perto do sol se pôr, Zelu vindo da bagaceira, acocorando-se entre a fornalha e a banca de rapadura, contava no começo do disse-não-medisse sobre a flor do brejo, Hortênsia, a beleza que estava se esticando para moça feita, bem no ponto de qualquer serviço. A filha de seu Florêncio tá num jeito de ser a mulher mais vistosa dessas terras que saem dos meus beijos até alcançar o rio das Preguiças numa quebra de braço chegando em Matões. Bonita com seiscentos diabos na pureza dos seus dotes que os homens comiam com os olhos/olhos de serpente, com a língua de fora no rumo do riacho, na hora de beber. Os peitos dela, mal comparando, eram duas nascentes de bicos finos, ver bico de beija-flor atacando no mato das veredas no início das águas. Sitõe do Apolinário ia bem de vida, fazendo cachaça e na criação de miunças de um gadinho limpo no pasto e as novilhas esperando touro para a primeira cria. Curral grande, todo feito de cerca de faxina de sabiá, lá do baixão. Solteiro, retraído na ocupação de seu trabalho. Mulher quando entrava em seus negócios, ficava debaixo de sete chaves ou na escuridão da noite no fechado do babaçu, onde ele afugentava as cutias fugindo de seu apareamento de amor na carne de fêmea.

Zelu não se cansava de dizer o Sitõe era de muita esquisitice numa pessoa. Só as artes do demônio ou muita fé nas coisas do céu para desencantar tal criatura. O homem, era ver um fantasma montando no vento nesses casos de segredo de mulher aberta que é da conta de quem passa até longe do engenho Riacho do Meio do coronel Norbertino. O Zelu cambiteiro batia no peito; o Sitõe do Apolinário é homem de compra e venda, mas em trato de mulher ele é mais escondido do que veneno de cobra, caso eu não conhecesse o homem desde menino até que podia desconfiar da macheza dele. Eita bichinho sonso, nunca aparece com namorada, nem nos sambas do Belém do brejo da Boa Noite. Só faz as coisas longe dos olhos do engenho, só deixa rastro em pedra

nos limites dos pés das almas pra dar mais serviço a seu Benício, rastejador conhecido por rastejar rastro invisível de lobisomem. A gente olha pro Sitõe e vê um rostão largo de santo no altar de igreja grande da cidade; nem bate pestana e quando tira a língua do ferrolho é só das novilhas amojadas que ele fala com um contentamento nos olhos saltando das caixas, num amarelado da cor de olho de gato no escuro. A Mimosa, a Margarida e a Pintadinha foram cobertas pelo tourão zebu do coronel Nobertino. O entusiasmo de Sitõe já estava vendo as bezerras que vão sair da parição dessas vacas antes das águas molharem o chão em lama do meu curral. O Baianão do coronel Norbertino quando crava uma novilha no cio, se espera logo bicho de sangue quase puro. Nesta ocasião, entra na conversa mesmo sem ser chamado o Zelu Cambiteiro: - Falar em novilha, com todo respeito do mundo, aonde anda a boniteza de dona Hortênsia, boniteza sagrada de missa das missões do Padre Odílio ou de juriti bebendo no capim depois das levadas de cana no baixio do meio pruma banda. É muito atrevimento do Zelu, pensa Sitõe, especular pela vida da filha de seu Florêncio em conversa na porteira do curral. Ninguém fala, há um rápido e pesado silêncio na conversa. E Zelu, no desferrolhamento da língua, próprio do engenho, avisa que Hortênsia nunca mais fora vista contemplando nos fins de tarde, as faveiras floridas na chapada. Dizem que ela sumiu na volta que o vento dá pelas estradas. Sumiu para viver da sala para o quarto em afazeres de enjôos e tonturas acompanhadas de cusparadas de assombrar patos pelo terreiro. Nem ao riacho fora mais onde lavava seu sexo exposto à luz das primeiras estrelas no céu. Todas as suas necessidades eram feitas entre as paredes da casa de seu pai Florêncio, o vizinho mais aricuçado do coronel Norbertino Laranjeira do Olho-d'água. Informa ainda Zelu que Florêncio andava espantado com o comportamento da filha que nunca saía de dentro de casa, sem sequer botar o rosto de fora pela janela. O pai, caladão, sofria no âmago de sua alma apunhalada no jogo do destino. Um dia, na alcova, em conversa entrecortada por um fungado sem-fim, com dona Idalina, inquiriu a mulher sobre se ela não estava acompanhando os passos da filha Hortênsia por dentro de casa, com o andar aberto e um corpo como se estivesse numa prensa de fazer queijo de tanto espremida. Florêncio, Deus fez o Sol, a luz, o rio cheio e todas as coisas bonitas da vida, mas fez também o sofrimento. O homem, Florêncio, parece que não compreende as coisas do Criador. Gosta do mal e de maltratar bem dentro do coração de seu semelhante. É muito pior que os bichos selvagens que sabem aproveitar melhor os mimos da Natureza. Minha filha, tão bonita! Retrato que Deus botou na Terra ta de bucho fora do

casamento. Debaixo de confissão contou tudo do acontecido, só para a mãe, que é mulher, e está mais perto do que se passa com outra parideira. Tudo aconteceu na noite do aniversário de Hortênsia, depois da festa com matança de porco, galinha capote e também muita dança na latada puxada do alpendre quase rente com o pé de sapucaia.

Num descuido dos dançantes, bem pertinho da casa de farinha, no luar se desmanchando por cima do forno, ela se entregou. Adivinha pra quem Florêncio? Para o Sitõe do Apolinário, como a flor que se abre para receber o primeiro sol todas as manhãs. Houve outra vez na vereda do riacho atrás da mangueira que dá pra Baixa Funda. Dona Idalina não quer mais ouvir caso contado por Hortênsia. Pede para a filha parar, visivelmente desapontada, segurando toda a reação que a mãe pode ter nessa situação de afogamento de juízo.

O tempo está correndo e Hortênsia se esgueirando pelas paredes. Florêncio não deixou nem o dia amanhecer direito, já estava no rumo do sobrado do coronel Norbertino Laranjeira. – Coronel, bom dia! Estou em guerra, mas vim buscar a paz na sua proteção. E foi desatarraxando tudo: – O Sitõe não respeitou o território de minha casa.

O Coronel ouvia o amigo sem nenhum espanto. O que foi que aconteceu, Florêncio? O Sitõe...

– O Sitõe até ontem era homem direito, bom de serviço e mais certo de palavra e de negócio apumado. Diga logo compadre Florêncio, ele não pagou o que comprou ou enganou como em troca de cigano? Acho que ele não é homem dessas trapalhadas. Não! Respondeu Florêncio ao coronel Norbertino. Ele não mexeu com terra nem com gado, mas antes fosse que o Sitõe do Apolinário mexesse com todas as coisas dos meus domínios e dos meus mandos. Ele não fez isso; mexeu foi dentro de mim, cortando com faca cega a minha própria carne. Ele embarrigou a minha filha, a Hortênsia, a mais bela flor do Olho-d'água. O senhor sabe, agora ela é flor pra lagarta.

E o Sitõe, não quer casar? Interroga o coronel.

– Não se sabe coronel Norbertino. Quando Hortênsia quebra o silêncio, só diz que nunca mais se avistou com o dito cujo pelas veredas. Ela se enfurnou em casa sem mais querer sair, nem mesmo botando a cabeça de fora. Vive da sala para o quarto, onde padece seu sofrimento de dor dentro dela. É tanto que a gente sem querer, olhando pra ela, bota água nos olhos com gosto de não parar. Coronel, só tenho a dizer que filha minha em delegacia não se casa. Se casar é na sua capelinha branca do Olho-d'água, fora disso, seja o que

Deus quiser. Não nasci pra semente, nem sou quiabo cozido descendo sem se esperar na garganta de zangado.

O Coronel Norbertino nem pensou: – Corisco, chama ali o Sitõe do Apolinário, em caso de muita ligeireza e precisão. Risco no chão aguardando a chegada dele.

Como um relâmpago, Corisco partiu em direção à casa de seu Sitõe. Num bater e fechar de olhos, o Sitõe atendeu o chamado na risca do atendimento. O coronel Norbertino está num pé e noutro andando da sala para a porta da rua com jeito de quem só anda preparado para ajuste de contas.

Diga logo, homem. O que fez com dona Hortênsia?

O Zelu Cambiteiro de longe arriscava observar no que podia dar aquele encontro do Coronel, do Florêncio e do Sitõe do Apolinário. E disparou falando sozinho como era seu costume: baú de coronel, pobre não tem chave. Desta vez Sitõe calça sapato sem encomenda e bota a carga abaixo sem adjutório de ninguém, sem falsear a verdade nas ventas do Coronel.

Num apressado sem limite, Sitõe fala. – Coronel, a Hortênsia, a Hortênsia...

– Homem, o que de bom ou de ruim tua vontade andou fazendo por essas terras que têm a bênção de Deus e de Nossa Senhora da Consolação?

– Nada, Coronel, na vida só sei cuidar dos meus bichos e da moagem para o fabrico de minha cachaça.

O Coronel Norbertino, já se impacientando, pergunta à queima-roupa: -- Nessa sua moagem não entra mulher?

Sitõe, desconfiado como raposa, procurou se aprumar na palavra e voltou devagar ao assunto como água por cima das pedras em riacho afinando no verão. Coronel, sempre que posso passeio no corpo delas, tudo muito escondido dos olhares da inveja e maldição do povo desse lugar.

Norbertino insiste: – Foi com este jeito delicado que o senhor se arranchou no corpo formoso de Hortênsia, filha do meu amigo Florêncio? Já soube que o senhor está torcendo caminho, se esquecendo do desejo de homem quando sem querer querendo embucha mulher nas proximidades dos brejos.

– Não é bem assim, Coronel, é só uma questão de tempo.

– Pois enquanto esse tempo não chega prepare lá no seu curral uma dúzia de novilhas escolhidas na ponta dos dedos para dar de dote a dona Hortênsia. Acerte o dote e procure o padre pro casamento.

Desapontado, Sitõe quase em súplica encara o Coronel e se lastima: – Trabalho tanto, Coronel, para ter minhas coisas, tudo no lugar. Não é justo

dar de graça minhas novilhas pra mulher, mesmo sendo ela a dona Hortênsia, bonita e de família daqui do engenho. É duro, coronel Norbetino, é duro dar minhas melhores novilhas cobertas pelo touro do senhor, esse zebu de muita fé.

– Duro, seu Sitõe, foi o que o senhor meteu nela pela boca da cacimba. Não tem mais conversa, conte as novilhas, as melhores, de preferência, as amojadas e passe logo para a Hortênsia. E basta lembrar, lembre seu Sitõe, do bom que o senhor fez por trás das moitas, no poço do brejo, sem nem a lua por testemunha. E andou fazendo também no sol da manhã.

O coronel Norbertino Laranjeira, pegando na ponta do chapéu, andou com o passo muito firme até o canto da sala. Lá, de sopapo, apanhou o papo-amarelo e voltando para o lugar de origem repetiu: – Duro, duro, seu Sitõe, foi o que o senhor meteu na Hortênsia, naquele fim de tarde por trás das moitas no poço do brejo.